

# Fazendo cinema na escola

Arte audiovisual dentro  
e fora da sala de aula

Alex Moletta



*FAZENDO CINEMA NA ESCOLA*  
*Arte audiovisual dentro e fora da sala de aula*  
Copyright © 2014 by Alex Moletta  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Editora assistente: **Saete Del Guerra**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Imagem de capa: **iStock Photo**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Summus Editorial**  
Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3873-7085  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## S U M Á R I O

Apresentação **9**

---

**CAPÍTULO 1 • Por onde começar 11**

Adaptação literária **12**

Ficção autoral **15**

Animação **19**

Documentário **23**

Videoclipe musical **27**

Videocrônica **31**

---

**CAPÍTULO 2 • Formando uma equipe 37**

---

**CAPÍTULO 3 • Pesquisando e estudando um tema 41**

---

**CAPÍTULO 4 • Criando a história – A elaboração do roteiro 43**

---

**CAPÍTULO 5 • Escolhendo as locações e iniciando a produção 47**

**CAPÍTULO 6 • Seleccionando o elenco 53**

---

**CAPÍTULO 7 • Levantando a produção 57**

---

**CAPÍTULO 8 • Dirigindo um curta-metragem 61**

Plano geral (PG) **63**

Plano aberto (PA) **64**

Plano americano (PAm) **65**

Plano conjunto (PC) **66**

Plano médio (PM) **67**

Plano fechado (PF) **68**

*Close-up* **69**

Plano detalhe (PD) **70**

Plano subjetivo **71**

Primeiro e segundo planos **72**

---

**CAPÍTULO 9 • Pensando a fotografia 77**

---

**CAPÍTULO 10 • Pensando a direção de arte 79**

---

**CAPÍTULO 11 • A importância do áudio 81**

---

**CAPÍTULO 12 • Equipamentos mínimos necessários 85**

---

**CAPÍTULO 13 • Realizando as gravações 89**

---

**CAPÍTULO 14 • Excesso de confiança 93**

---

**CAPÍTULO 15 • Editando o curta-metragem 97**

---

**CAPÍTULO 16 • Finalização e formato adequados para exibição 103**

Créditos **103**

Exportando o vídeo: formatos **103**

**CAPÍTULO 17 • Divulgação e apresentação visual 105**

Plano de divulgação para internet **105**

Arte gráfica: DVD e pôster **106**

---

**CAPÍTULO 18 • Exibição do curta 107**

---

**CAPÍTULO 19 • Notas sobre o fim, ou o começo 111**

---

Glossário **113**

---

Livros e sites **121**

## A P R E S E N T A Ç Ã O

ASSIM COMO VIVEMOS A REVOLUÇÃO da escrita e a revolução da imprensa, hoje estamos vivendo a revolução tecnológica da comunicação audiovisual. Todos os dias, assistimos a dezenas de vídeos pela internet, nos celulares, câmeras fotográficas digitais, iPads, iPhones, tablets etc. Recebemos informações, nos entretemos, trocamos experiências, expressamos ideias e opiniões por meio de vídeos de curta-metragem. Mas até quando vamos protelar o estudo, a prática e o estímulo à produção dessa poderosa linguagem no âmbito escolar? Até quando vamos ficar só observando nossas crianças e jovens, já imersos nesse fluxo constante de aprendizado e compartilhamento audiovisual, criando, recriando e produzindo conteúdos audiovisuais sem um direcionamento didático/pedagógico na sala de aula?

Assim, esta obra objetiva transformar o aprendizado audiovisual acadêmico num processo mais lúdico, simples e direto, inspirando-se na relação que tais crianças e jovens estabeleceram com a tecnologia e a comunicação nas redes sociais e no

uso que eles já fazem dos recursos audiovisuais disponíveis ao toque dos dedos.

Este texto também tem por objetivo organizar o potencial de criação e de conhecimento que os jovens, há muito, vêm adquirindo com o uso constante dessas novas tecnologias em seu dia a dia. Visa ainda transformar esse potencial em expressão artística, social e – por que não? – educacional, complementando o trabalho didático/pedagógico desses alunos em sala de aula e dando-lhes a oportunidade de ser protagonistas de seu aprendizado e da formação de seu senso crítico.

A fim de tornar a leitura ainda mais didática, os termos destacados em versalete ao longo do texto são explicados em um glossário no final do livro.

Vamos fazer um curta-metragem?

# Por onde começar

UM BELO DIA, NOSSO professor entrou na sala decidido a mudar drasticamente nossa rotina diária e perguntou em alto e bom som: “Vamos fazer um **CURTA?**” Ele simplesmente nos lançou o desafio de produzir um curta-metragem para ser exibido na mostra de artes da escola. Depois da empolgação causada pela ideia de produzirmos um vídeo como trabalho extracurricular, “valendo nota”, surgiu a dúvida: por onde começar? Principalmente porque o professor nos deu liberdade total para fazermos o que desejássemos.

Nossa primeira discussão foi para decidir que **GÊNERO** de vídeo faríamos. Um alvoroço tomou conta da aula. Para pôr ordem no caos, inicialmente o professor nos sugeriu fazer uma adaptação literária, transpor apenas um capítulo de um romance que já havíamos trabalhado, adaptar um conto ou até mesmo um poema. Mas alguns colegas não concordaram: uns sugeriram uma ficção de terror, outros uma animação; uma colega falou em fazer um documentário, enquanto outro disse



preferir um videoclipe musical... Foi difícil entrarmos num acordo. O professor interveio e pediu que primeiro pesquisássemos o GÊNERO de curta que gostaríamos de fazer para apresentar na forma de SEMINÁRIO a toda a sala, e só então escolhêssemos o gênero com que iríamos trabalhar. E assim foi feito.

Na aula da semana seguinte, alguns alunos, eu inclusive, que se ofereceram para a pesquisa estavam preparados para convencer o restante da turma a optar pelo seu gênero de produção. Eu imaginava que seria chamado por último, mas fui o primeiro. Meu seminário seria sobre *adaptação literária*.

## Adaptação literária

Ao me preparar para a apresentação, além de assistir a filmes adaptados de obras literárias, utilizei um recurso indispensável (mas não o único): sites de buscas e pesquisas na internet, como **GOOGLE**, **WIKIPÉDIA**, **YAHOO!** e **BING**.

Basicamente ao fazermos uma adaptação literária para audiovisual, usamos um romance, conto, poema, crônica ou biografia para realizar um filme ou vídeo. A “adaptação” já deixa implícita a ideia de que não é possível transpor a obra toda, como foi escrita e concebida pelo autor, para a linguagem audiovisual. Simplesmente por serem duas linguagens distintas. Enquanto a linguagem textual da literatura utiliza as palavras e a imaginação do leitor, a obra audiovisual apresenta a imagem pronta ao espectador, somada aos recursos de som e efeitos sonoros, trilha sonora musical, diálogos, além de textos em sobreposição, como créditos e legendas. No livro imaginamos; no filme, vemos e ouvimos. Para que isso aconteça, é necessário